

Um conto infantil de Ted Hughes

Lorena Leite Miranda

Talvez a marca distintiva da literatura infantil de Ted Hughes seja o respeito pela inteligência da criança. Em histórias como a aqui traduzida, temos o lúdico infantil associado a temas complexos que vão do relacionamento entre seres à liberdade e à morte. Em lugar da simplificação ou do eufemismo, Hughes opta pela dramatização sem censura; não veta a palavra "sangue" e não se furta a dar os detalhes do longo processo de infelicidade que leva um grupo de pássaros a tramar seu suicídio coletivo.

Assim, a tarefa central do tradutor de tal texto deve ser atingir, na língua de chegada, o mesmo equilíbrio logrado pelo original entre uma linguagem clara e sem melindres, veiculando conteúdos semânticos por vezes agressivos, e a leveza de uma história para crianças. O perigo, no entanto, é iminente: na tentativa de não trair a intensidade do original, pode-se acabar produzindo um texto pesado, prolixo, para o que a língua portuguesa fornece material de sobra. E ao mesmo tempo o vocabulário limitado que tradicionalmente se associa à literatura infantil não dá conta do texto de Ted Hughes.

Consciente dessas tensões, experimentei fazer a tradução. Num primeiro nível busquei, naturalmente, ser o mais fiel possível ao que está dito no original; a partir disso é que me coube *criar* a forma ideal do texto em português. Meu objetivo era tornar o conto de Hughes acessível a crianças brasileiras, o que limitou o léxico disponível para a tradução a palavras de uso corrente em português.

Nesse sentido a maior dificuldade foi encontrar equivalentes em português para os vários nomes de pássaros citados no texto. Num primeiro momento, tentei buscar, a partir do nome em inglês, os nomes científicos de cada ave e a partir deles verificar os equivalentes em português.

Mas o resultado então foram nomes estranhos ao público brasileiro, especialmente às crianças, pois os pássaros do texto de Hughes são comuns na Europa, não no Brasil. Na maioria dos casos em que encontrei um equivalente em português para o nome em inglês, o equivalente português nomeava pássaros desconhecidos dos brasileiros (por exemplo, estrelinha-de-poupa e chapim-azul). Assim, preferi preservar a leveza e fluência do texto, sacrificando a equivalência exata entre os pássaros citados no original e na tradução. É o caso de "jenny wren", "yellow hammer", "bluetit" e "little gold-crested wren", que traduzi respectivamente por "bem-te-vi", "canarinho", "saíra" e "sanhaço", por serem nomes correntes, conhecidos de qualquer criança brasileira, e por isso adequados ao propósito do texto, ainda que nomeiem pássaros diferentes dos elencados por Ted Hughes.

Se a tradução funciona ou não, só se pode saber submetendo-a à leitura das crianças que, para todos os assuntos, costumam ser juízes impecáveis.

Introdução¹

Há muito tempo, quando o mundo era novinho em folha, antes de existirem animais ou pássaros, o sol subiu ao céu e trouxe o primeiro dia.

As flores deram um salto e olharam ao redor, confusas. Então de todo lado, de baixo das folhas e de trás das pedras, criaturas começaram a aparecer.

Naqueles dias as cores eram muito melhores do que são agora, muito mais brilhantes. E o ar faiscava porque nunca tinha sido usado.

Mas não pensem que era tudo tão fácil.

Para início de conversa, todas as criaturas se pareciam muito umas com as outras - muito diferentes do que são agora. Elas não tinham idéia do que iriam ser. Algumas queriam ser pintarroxos, algumas queriam ser leões, algumas queriam ser outras coisas. Aquelas que queriam ser leões treinavam para ser leões - e pouco a pouco, certamente, elas começaram a se tornar leões. Então, aquelas que queriam ser pintarroxos treinavam para ser pintarroxos, e lentamente tornaram-se pintarroxos. E assim por diante.

Mas havia outras criaturas que surgiram de modos diferentes...

¹ Este é o texto que abre a coleção de contos infantis onde consta a história aqui traduzida, *How the Whale Became and other stories* ("Como Surgiu a Baleia e outras histórias"), em que cada conto narra o surgimento de um animal no mundo. Julguei importante traduzir, junto com a história da Coruja, a Introdução que dá o tom do livro.

Por que a coruja é do jeito que é

Quando a Coruja se tornou uma Coruja, a primeira coisa que ela descobriu foi que conseguia enxergar à noite. A segunda coisa que ela descobriu foi que nenhum dos outros pássaros conseguia.

Eles enxergavam apenas durante o dia. Eles sabiam que era inútil tentar enxergar quando era noite escura, então a cada anoitecer cinzento eles fechavam os olhos e dormiam até que chegasse o cinzento amanhecer. Eles já faziam isso havia tanto tempo, que já tinham esquecido como era a escuridão.

A Coruja refletiu sobre isso. Então ela foi até os outros pássaros e disse:

- Eu sei de um país onde existem fazendas, mas nenhum fazendeiro. Vocês podem comer como e quando quiserem. Não existem armas, nem espantalhos, nem homens. Eu posso levar vocês lá, se quiserem.

Todos os dias, o Homem matava muitos pássaros enquanto eles se alimentavam nos campos. Eles disseram:

- Isso parece ser um país seguro e pacífico, feito para pássaros. Vamos com a Coruja.

A Coruja sorriu consigo mesma.

- Ótimo! - ela disse. - Agora, como nós não temos passaportes, vamos ter de atravessar a fronteira à noite, quando ninguém pode nos ver. Vamos ter de partir ao anoitecer para chegar lá quando estiver amanhecendo.

Quando chegou o crepúsculo, a Coruja guiou todos os pássaros para uma toca de coelho na colina.

- Segurem as mãos uns dos outros, - ela gritou. - Eu guiarei vocês.

Todos os coelhos que moravam na colina correram para ver qual o novo jogo que os pássaros estavam jogando. A Coruja os guiou caminho adentro pelo buraco escuro.

- Então isso é a noite? - cochicharam os pintarroxos na densa escuridão do buraco.

- Hmm - disseram os corvos. - Então isso é a noite.

Estava tão escuro dentro do buraco que os pássaros não conseguiam ver nem os próprios bicos. Cada um se agarrou à asa do pássaro em frente e às cegas prosseguiram. A Coruja os guiou pra lá e pra cá nas curvas e

viradas do buraco por cerca de cinco minutos. Depois daquele tempo, os pássaros, que não estavam mesmo acostumados a andar, sentiram-se como se tivessem viajado por horas.

- Ainda falta muito? - perguntaram as andorinhas. - Oh, nossos pobres pezinhos!

Finalmente a Coruja gritou:

- Parem, enquanto eu vejo se está tudo seguro lá em cima.

Ela colocou a cabeça para fora do buraco de coelho e olhou em volta. Estava mais escuro do que quando eles haviam entrado no buraco alguns minutos antes, mas ainda não era exatamente noite. Havia ainda uma pálida luz no oeste.

- Aqui estamos! - ela gritou, então. - Sobre a fronteira, bem quando o amanhecer está rompendo.

E ela guiou os pássaros até o ar livre. Todos os coelhos correram de novo e se sentaram, com uma orelha para cima e outra para baixo, observando os pássaros com expressões muito intrigadas.

- Esse é o país novo? - perguntaram os pássaros, e se amontoaram todos juntos, olhando ao redor a paisagem quase negra.

- É aqui. - disse a Coruja. - E aquilo é o amanhecer que vocês veem rompendo no leste.

Os pássaros tinham perdido seus pertences no subsolo escuro, e a paisagem estava agora negra demais para ser reconhecida como aquela que eles conheciam tão bem durante o dia. Eles acreditavam em tudo o que dizia a Coruja.

A Coruja os guiou para fora da colina e abaixo em direção à fazenda.

- Mas parece que está ficando mais escuro! - disseram as pombas de repente.

- Ah, fico satisfeita por vocês terem notado isso. - disse a Coruja. - Isso é algo que eu esqueci de lhes dizer. Nesse país, o dia é mais escuro que o amanhecer.

Ela riu consigo mesma, mas os pássaros olharam-se aturdidos.

- Mas e quanto às noites? - eles quiseram saber. - Se o dia é mais escuro que o amanhecer, quão escuras são as noites?

A Coruja parou e olhou para eles. Eles não podiam ver a face dela, mas conseguiam perceber que ela estava muito séria.

- A noite aqui, - ela disse - é tão escura, tão terrivelmente escura, que é impossível para um mero pássaro sobreviver a um segundo olhando-a. Existe apenas uma coisa a fazer se vocês quiserem continuar vivos. Vocês devem fechar seus olhos o mais apertado que conseguirem assim que o escuro do dia começar a se tornar cinza. Vocês devem mantê-los fechados até que eu os acorde ao amanhecer. Um olhar de relance ao escuro e vocês são pássaros mortos.

Então, sem mais uma palavra, ela os guiou até o celeiro da fazenda.

As luzes da fazenda estavam apagadas. O fazendeiro estava dormindo. A fazenda estava silenciosa.

- Aqui estão vocês. - disse a Coruja. - Exatamente como eu prometi. Agora comam.

Os pássaros arranharam o chão e ciscaram, mas estava escuro demais para se ver qualquer coisa. Enfim eles aprenderam a achar os grãos sentindo-os com seus pés. Mas era um trabalho lento.

Enquanto isso a Coruja se sentou num canto do celeiro, olhando de cima o comedouro das aves. Quando sentia vontade, ela descia e agarrava um rouxinol ou uma rolinha. Na densa escuridão, os outros pássaros não eram mais espertos.

- Isso é melhor que ratos, camundongos e besouros. - disse a Coruja, enquanto limpava o sangue de seu bico. No momento em que a primeira luz cinza apareceu no céu, a Coruja estava mais cheia do que jamais estivera na vida.

Ela deu um grito:

- Aqui vem o anoitecer cinzento. Vamos, vamos! Nós precisamos estar em nossas camas e fechar nossos olhos antes que a terrível escuridão chegue.

Atropelando uns aos outros e dando encontrões nas coisas, os pássaros correram em direção à voz dela. Quando estavam todos juntos, ela os guiou até um matagal próximo que tinha muitos arbustos.

- Aqui é um bom poleiro. - disse a Coruja. - Eu acordo vocês ao amanhecer.

E então, ao amanhecer cinzento, que a Coruja lhes havia dito que era o cinza do crepúsculo, os pássaros fecharam seus olhos. Durante todo aquele luminoso dia eles permaneceram em grupos sob os arbustos, seus olhos apertadamente fechados. Alguns deles estavam assustados demais

para pegar no sono. Nenhum deles ousou abrir um olho. Olhem a escuridão por um segundo, a Coruja havia dito, e vocês são pássaros mortos.

A Coruja tirou alegremente um cochilo no oco escuro de uma árvore. Seu truque estava funcionando perfeitamente. Ela estava muito feliz consigo mesma. Nunca mais camundongos e ratos e besouros.

Ao anoitecer ela deu um grito.

- Eis a aurora! - ela disse aos pássaros. - De volta à nossa comida.

E ela os guiou de volta à fazenda, onde tudo aconteceu como na noite anterior.

Desse modo, a Coruja ficou gorda e contente, enquanto os outros pássaros iam ficando miseráveis.

Eles ficaram cansados de catar no comedouro escuro. Às vezes eles engoliam uma semente, mas era comum engolirem na verdade um pedaço de carvão. Os galos e galinhas da fazenda que haviam ciscado o comedouro de um lado a outro durante todo o dia não haviam deixado muito para os pássaros.

E, quando eles adormeciam, eles ficavam apavorados porque podiam ter um sonho, abrir os olhos sem pensar e olhar para a escuridão mortífera. Era uma grande tensão. A Coruja continuamente os alertava contra o perigo.

- Olhem para a escuridão por um mínimo instante, - ela sempre dizia - e vocês são pássaros mortos.

Se ao menos um único pássaro tivesse olhado, por apenas um segundo, com apenas um olho, ele teria visto que não havia escuridão mortífera alguma. Ele teria visto o sol e a paisagem rural que ele conhecia tão bem. Mas a Coruja se certificava de que nenhum jamais faria isso.

Os pássaros emagreceram. Suas penas começaram a cair. Seus pés doíam de tanto se arrastarem pela escuridão, e suas asas doíam por nunca serem usadas. Eles não gostavam do novo país.

Eles reclamavam entre si.

Finalmente, num anoitecer, quando a Coruja os acordou com seu chamado usual, "Aurora!", eles foram todos até ela e disseram que já não estavam aguentando mais.

- Por favor, nos leve de volta ao nosso país. - disseram os pássaros.

A Coruja ficou preocupada. Ela queria manter os pássaros sob seu poder. Ela não queria voltar a comer ratos, camundongos e besouros.

Então ela teve uma idéia.

- Sim. - ela disse. - Vocês estão certos. Esse é um país agradável e seguro. Mas, como vocês dizem, é difícil viver aqui. Vamos encontrar o buraco por onde viemos e retornar ao nosso próprio país.

Ela os guiou até a toca dos coelhos na colina. Já estava quase escuro.

- Aqui estão os pássaros brincando daquele jogo de novo, disseram os coelhos, e foram todos lá para cima espiar.

- Agora, - disse a Coruja aos pássaros. - Era um desses buracos, mas qual precisamente eu não consigo lembrar. Algum de vocês faz idéia?

- Eu acho que pode ter sido esse. - disse o Cuco.

- Ou talvez esse aqui. - disse o Bem-Te-Vi.

- Vamos tentar todos. - disse a Coruja.

A maioria dos pássaros não ousou entrar nos buracos por medo de se perder. Os que entraram logo voltaram dizendo:

- Este sai bem aqui.

E:

- Este sai bem aqui.

A Coruja fingiu estar preocupada.

- Perdemos nosso caminho de volta, e isso é tudo minha culpa. Oh, meus queridos! - ela exclamava. Então ela fez sua voz soar muito corajosa e disse:

- Já que estamos aqui para sempre, façamos disso o melhor possível.

E ela os guiou até o comedouro para a refeição noturna.

Então tudo continuou por quase um ano.

Ao final os pássaros decidiram que não suportariam mais. Eles estavam infelizes demais para continuarem vivendo.

- Isso não é vida, de jeito nenhum. - eles diziam uns aos outros.

- Vamos todos morrer bravamente, e de uma vez. - disse o Sabiá - Em vez de continuar morrendo aos poucos desse jeito miserável.

- Faremos isso! - exclamaram as Rolinhas. - Vamos todos morrer juntos, bravamente, em vez de viver uma vida como essa.

- Mas como? - disse o Sanhaço. - Como podemos morrer?'

- Vamos abrir nossos olhos. - disse o Sabiá. - E encarar a escuridão mortífera. A Coruja disse que isso nos mataria.

Os infelizes pássaros seguiram a Coruja aquela noite pela última vez. Ela os guiou ao comedouro como de costume e assumiu seu posto. Mas, em vez de tentar encontrar comida, os pássaros todos juntos se sentaram em um grande grupo no meio do viveiro. Eles haviam decidido o que fazer. Mas a Coruja não sabia de nada. Ela olhava para baixo. Suavemente, os pássaros começaram a cantar suas velhas canções.

- Qual o problema com vocês? - exclamou a Coruja. - Vão morrer de fome se não comerem!

Mas os pássaros não lhe deram atenção. Eles continuaram cantando, com suas vozes finas e famintas. Fazia muito tempo que eles não cantavam. Agora eles cantavam baixinho e tristemente.

Era uma noite iluminada, a lua estava cheia, mas a Coruja não conseguia pegar um pássaro sequer. Eles estavam pressionados, muito juntos uns aos outros. Ela não conseguia nem pegar um da lateral do grupo. E eles cantaram a noite inteira.

Ao amanhecer a Coruja estava uma fera.

- O anoitecer! - ela exclamou. - De volta ao matagal! Aí vem a escuridão mortífera.

Ela estava com muita fome. Mas ela não sabia o que fazer. Ela os atacaria em pleno dia, quando estivessem sob os arbustos, com os olhos fechados. Então ela teria a sua parte. Ela comeria um sabiá, um canarinho, um verdilhão, cinco saíras...

- Aonde vocês estão indo? - ela exclamou.

Em vez de segui-la de volta ao matagal, os pássaros haviam ido em direção à colina. Seguindo o caminho até em cima, eles chegaram enfim ao topo. Ao redor deles estava a paisagem escurecida. Eles se juntaram sob os três olmos que havia ali e contemplaram a primeira linha cinzenta que aparecia no Leste. Então, ainda uma vez, eles começaram a cantar suas velhas canções.

Logo a escuridão mortífera começaria a se espalhar pelo céu. Ou pelo menos era o que eles pensavam. Eles olharam para o amanhecer se iluminando e cantaram, mantendo seus olhos tão abertos quanto podiam, de modo a capturar os primeiros raios da mortífera escuridão.

Oh, eles estavam tão cansados da vida que levavam.

Morrer desse modo era melhor do que viver como vinham vivendo, indo a nenhum lugar senão aonde a Coruja os levava, sempre no escuro, esfolando seus pés até ficarem em carne viva em busca de alguns grãos.

Eles cantaram e olharam em direção à aurora. Eles esperavam a qualquer momento o primeiro raio assassino de escuridão que despontaria no leste luminoso.

Na extremidade do campo, a Coruja cutucava a cabeça com as asas. Ela sabia qual seria o resultado daquilo. Em poucos minutos o sol despontaria e os pássaros reconheceriam a paisagem ao seu redor.

- Venham para casa! - ela gritou. - Seus estúpidos! Vocês vão cair duros feito pedra. Venham para casa e fechem os olhos!

Mas os pássaros não estavam mais interessados em nada que dissesse a Coruja. Eles só queriam morrer.

Lentamente a primeira faísca vermelha de sol surgiu no céu.

A Cotovia soltou um gritinho. Ela deu um salto no ar.

- É o sol! - ela exclamou. - É o dia, de verdade!

Aos poucos o sol despontou.

Enquanto ele surgia no horizonte, os pássaros voavam entre os galhos dos olmos, dançando nos ramos e cantando até suas cabeças repicarem.

- É o sol! - eles cantavam. - É o dia, de verdade!

Debaixo de um arbusto de espinhos pretos, na beira do campo, a Coruja observava tudo com raiva. Então ela inclinou a cabeça e voou cerca abaixo, muito perto do chão. Ainda assim, os pássaros a viram.

- Ela nos enganou! - exclamaram. - E ali vai ela! Ali vai a mentirosa!

Num tumulto barulhento, todos os pássaros se aglomeraram em torno da Coruja. Durante todo o caminho de volta à árvore dela eles bateram nela com suas asas e arrancaram suas penas. Ela se enterrou no fundo de sua árvore oca.

Os pássaros voaram até o topo da árvore e começaram a cantar.

E assim é até hoje.

Todas as manhãs os pássaros cantam, enquanto a Coruja voa de volta ao seu buraco escuro. Quando os pássaros a veem, eles se amotinam em torno dela, para lembrar da sua mentira. Ela não ousa sair senão à noite, e sobrevive parcamente à custa de ratos, camundongos e besouros.

Introduction

Long ago when the world was brand new, before animals or birds, the sun rose into the sky and brought the first day.

The flowers jumped up and stared round astonished. Then from every side, from under leaves and from behind rocks, creatures began to appear.

In those days the colours were much better than they are now, much brighter. And the air sparkled because it had never been used.

But don't think everything was so easy.

To begin with, all the creatures were pretty much alike - very different from what they are now. They had no idea what they were going to become. Some wanted to become linnets, some wanted to become lions, some wanted to become other things. The ones that wanted to become lions practiced at being lions - and by and by, sure enough, they began to turn into lions. So, the ones that wanted to become linnets practiced at being linnets, and slowly they turned into linnets. And so on.

But there were other creatures that came about in other ways...

Why the owl behaves as it does

When Owl became an Owl, the first thing he discovered was that he could see by night. The next thing he discovered was that none of the other birds could.

They could see only by day. They knew it was no use trying to see by dark night, so at every grey dusk they closed their eyes and slept until the grey dawn. They had been doing this for so long, they had forgotten what the dark was.

Owl thought about this. Then he went to the other birds and said: 'I know a country where there are farms, but no farmers. You may eat when and where you please. There are no guns, no bird-scarers, no men. I will take you there if you like.'

Every day, Man killed large numbers of the birds as they were feeding in the fields. They said:

'This sounds like a safe, peaceful country, made for birds. Let us go with Owl.'

Owl smiled to himself.

'Good,' he said. 'Now, as we have no passports, we shall have to cross the frontier by night, when no one can see us. We shall leave at dusk and should be there by dawn.'

When dusk came, Owl led all the birds to a rabbit hole on the hill.

'Hold each other's hands,' he cried. 'I will lead you.'

All the rabbits that lived on the hill ran up to see what new game the birds were playing. Owl led the way down into the dark hole.

'Is this night, then?' whispered the linnets in the pitchy darkness of the hole.

'Hmm.' said the crows. 'So this is night.'

It was so dark down the hole that the birds couldn't even see their own beaks. Each one clung to the wing of the bird in front and followed blindly. Owl led them to and fro in the loops and twists of the hole for about five minutes. By that time, the birds, who were not at all used to walking, felt as if they had been travelling for hours.

'Is it much further?' cried the swallows. 'Oh, our poor little feet!'

At last Owl shouted:

'Halt, while I see if it's all clear up ahead.'

He popped his head out of the rabbit hole and looked around. It was darker than when they had entered the hole a few minutes before, but it was not yet quite night. There was still a pale light in the west.

'Here we are!' he cried then. 'Over the border, just as dawn is breaking.'

And he led the birds out into the open. All the rabbits ran up again and sat, one ear up and one ear down, watching the birds with very puzzled expressions.

'Is this the new country?' asked the birds, and they crept close together, looking round at the almost dark landscape.

'This is it.' said Owl. 'And that is dawn you can see breaking in the east.'

The birds had quite lost their bearings in the dark underground, and the landscape was now too dark to recognize as the one they knew so well by day. They believed everything Owl said.

Owl led them off the hill and down towards a farm.

'But it seems to be getting darker,' said the doves suddenly.

'Ah, I am glad you noticed that,' said Owl. 'That is something I forgot to tell you. In this country, day is darker than dawn.'

He smiled to himself, but the birds looked at each other in dismay.

'But what about the nights?' they cried. 'If day is darker than dawn, how dark are the nights?'

Owl stopped and looked at them. They couldn't see his face, but they could tell that he was very serious.

'Night here,' he said, 'is so dark, so terribly dark, that it is impossible for a mere bird to survive one glimpse of it. There is only one thing to do if you want to keep alive. You must close your eyes as tight as you can as soon as the dark of the day begins to turn grey. You must keep them closed until I awake you at grey dawn. One peep at the dark, and you are dead birds.'

Then, without another word, he led them into the stackyard of the farm.

The farm lights were out. The farmer was sleeping. The farm was silent.

'Here you are,' said Owl. 'Just as I promised. Now feed.'

The birds scratched and pecked, but by now it was too dark to see a thing. At last they learned to find the grains by feeling with their feet. But it was slow work.

Meanwhile Owl sat on the corner of the barn, overlooking the stackyard. Whenever he felt like it, he dropped down and snatched up a nightingale or a willow-warbler. In the pitch dark, the rest of the birds were no wiser. 'This is better than rats and mice and beetles,' said Owl, as he cleaned the blood from his beak. By the time the first grey light showed in the sky, Owl was fuller than he had ever been in his life.

He gave a shout:

'Here comes the grey of dusk. Hurry, hurry! We must get to our beds and close our eyes before the terrible dark comes.'

Tumbling over each other and bumping into things, the birds ran towards his voice. When they were all gathered, he led them to a nearby copse which was full of brambles.

'Here is good roosting,' said Owl. 'I will awaken you at dawn.'

And so, in the grey of dawn, which Owl had told them was the grey of dusk, the birds closed their eyes. All that bright day they stood in

groups under the brambles, their eyes tightly closed. Some of them were too frightened to fall asleep. Not one of them dared to open an eye. One look at the darkness, Owl had said, and you are dead birds.

Owl dozed happily in the dark hollow of a tree. His trick was working perfectly. He was very pleased with himself. No more mice and rats and beetles for him.

At dusk he gave a shout.

'Here is dawn,' he told the birds. 'Back to our feeding.'

And he led them back to the farm where everything happened as the night before.

In this way, Owl grew fat and contented, while the other birds grew wretched.

They grew tired of scraping in the dark stackyard. Sometimes they swallowed a grain, but as often it was a cinder. The farm cocks and hens that picked the stackyard over from end to end all day long had not left much for the birds.

And when they fell asleep, they were terrified lest they have a dream, open their eyes without thinking, and catch a glimpse of the deadly darkness. It was a great strain. Owl was continually warning them of the danger.

'One peep at the darkness,' he kept saying, 'and you are dead birds.'

If only one little bird had peeped, for only one second, with only one eye, he would have seen that there was no such thing as deadly darkness. He would have seen the sun, and the countryside he knew so well. But Owl made sure that none ever did.

The birds grew thin. Their feathers began to fall out. Their feet ached with stumbling about in the darkness, and their wings ached with never being used. They did not like the new country.

They complained among themselves.

At last one dusk, when Owl awoke them with his usual cry: 'Dawn!' they all went up to him and told him they could not stand it no longer.

'Please lead us back to our own country,' said the birds.

Owl was worried. He wanted to keep the birds in his power. He didn't want to go back to eating rats, mice and beetles.

Then he had an idea.

'Yes,' he said. 'You are right. This is a fine country, and not dangerous. But, as you say, it is hard to make a living here. Let us find the hole by which we came and return to our own country.'

He led them up to the rabbit warren on the hill. It was almost dark.

'Here are the birds playing that game again,' said the rabbits, and they all ran up to stare.

'Now,' said Owl to the birds. 'It was one of these holes, but just which I cannot remember. Can any of you remember?'

'I think it might have been this one,' said Cuckoo.

'Or perhaps this one,' said Jenny Wren.

'Let us try them all,' said Owl.

Most of the birds didn't dare to enter the holes lest they get lost. The ones that did were soon up again saying:

'This one comes out here.'

And:

'This one comes out here.'

Owl pretended to be distressed.

'We have lost our way back, and it is all my fault. Oh dear!' he cried. Then he made his voice sound very brave, as he said:

'As we are here for good, let us make the best of it.'

And he led them down to the stackyard for the night's feeding.

So it went on, for almost a year.

At last the birds decided they had had enough. They were too unhappy to go on living.

'This is no life whatsoever,' they said to each other.

'Let us all die bravely, and at once,' said Robin, 'rather than go on dying slowly in this miserable way.'

'We will do that!' cried the storm-cocks. 'Let us all die bravely together, rather than live like this.'

'But how?' said Little Gold-Crested Wren. 'How can we die?'

'Let us open our eyes,' said Robin, 'to the deadly darkness. Owl said that will kill us all.'

The unhappy birds went out with Owl that night for the last time. He led them to the stackyard as usual, and took up his post. But instead of

trying to find food, the birds all sat down together in a big close group in the middle of the yard. They had decided what to do. But Owl knew nothing of it. He stared down. Softly, the birds began to sing their old songs.

'What's the matter with you?' cried Owl. 'You'll starve if you don't eat!'

But the birds took no notice of him. They went on singing, in their thin, hungry voices. It was a long time since they had sung. Now they sang very low, and very sadly.

It was a bright night, with a full moon, but Owl couldn't catch a single one of those birds. They were pressed far too closely one against another. He couldn't even pick one from the edge of the group. And they sang all night long.

By dawn Owl was furious.

'Dusk!' he cried. 'Back to the copse! Here comes the deadly dark.'

He was very hungry. But he knew what he could do. He would sneak down on them by broad day, when they were standing under the brambles with their eyes tight shut. Then he would eat his fill. He would have a song-thrush, a yellow-hammer, a greenfinch, and five bluetits -

'Where are you going?' he cried.

Instead of following him back to the copse, the birds had turned up the hill. Following the rising ground, they came at last to the very top. All around them lay the dark landscape. They gathered under the three elm trees there and faced the first grey line that was showing in the East. Then, once more, they began to sing their old songs.

Soon the deadly darkness would begin to spread through the sky. Or so they thought. They stared into the brightening dawn and sang, holding their eyes as wide as they could to catch the first rays of deadly darkness.

Oh, they were so tired of their lives.

To die like this was better than to live as they had been doing going nowhere but where Owl led them, always in darkness, scraping their feet raw for a few grains.

They sang, and stared into the dawn. Every moment they expected the first killing ray of black to shoot out of the bright east.

At the edge of the field Owl was beating his head with his wings. He knew what the result would be. In a few minutes the sun would rise, and the birds would recognize the landscape round them.

'Come home!' he cried. 'You sillies! You'll all be killed dead as stones. Come home and close your eyes!'

But the birds had no more interest in anything that Owl said. They only wanted to die.

Slowly the sun put its burning red edge into the sky.

Lark gave a shriek. He sprang up into the air.

'It's the sun!' he cried. 'It's real day!'

Slowly the sun rose.

As it rose, the birds flew up into the branches of the elms, dancing on the twigs, and singing till their heads rang.

'It's the sun!' they sang. 'It's real day!'

From under a blackthorn bush at the field's edge, Owl stared in rage. Then he ducked his head, and flew away down the hedge, low over the ground. Even so, the birds saw him.

'He tricked us!' they cried. 'And there he goes! There goes the trickster!'

In a shouting mob, all the birds flocked after Owl. All the way back to his tree they beat him with their wings, and pulled out his feathers. He buried himself deep in his hollow tree.

The birds flew up into the tree top and sang on.

And so it is still.

Every morning the birds sing, and the Owl flies back to his dark hole. When the birds see him, they mob him, remembering his trick. He dare come out only at night, to scrape a bare living on rats, mice and beetles.